



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM-FACL**  
**LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**  
**MÁRCIA SILVA NUNES**

**CAPAS DE UMA DITADURA: O USO DA SEXUALIDADE COMO RECURSO  
SIMBÓLICO DE RESISTÊNCIA.**

**ABAETETUBA/PA**  
**2017**

**MARCIA SILVA NUNES**

**CAPAS DE UMA DITADURA: O USO DA SEXUALIDADE COMO RECURSO  
SIMBÓLICO DE RESISTÊNCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Título de Licenciatura em Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências da linguagem. Universidade Federal do Pará.  
Orientação Prof. Dr. Rosangela Nogueira

ABAETETUBA/PA  
2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

- N972c Nunes, Márcia Silva.  
Capas de uma ditadura: : o uso da sexualidade como recurso  
simbólico de resistência / Márcia Silva Nunes. — 2017.  
31 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de  
Sousa  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.
1. Capa de disco . 2. Ditadura militar . 3. Gramática do  
design visual. I. Título.

CDD 410

---

**MARCIA SILVA NUNES**

**CAPAS DE UMA DITADURA: O USO DA SEXUALIDADE COMO RECURSO  
SIMBÓLICO DE RESISTÊNCIA.**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado e aprovado, para a obtenção do título de Licenciado Pleno em Língua Portuguesa pelo corpo docente da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Baixo Tocantins.

Abaetetuba \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa  
Universidade Federal do Pará

---

Prof. Dr.  
Universidade Federal do Pará

---

Prof. Dr.  
Universidade Federal do Pará

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter iluminado o meu caminho durante essa caminhada. A minha mãe Maria do Socorro, que sempre me apoiou, me deu forças e principalmente conselhos valiosos para que eu nunca desistisse dos meus sonhos.

Ao meu marido, Diego Nunes que sempre foi meu companheiro nessa jornada, me incentivando e me dando coragem para seguir em frente. As minhas irmãs e irmão, que mesmo distantes, sempre estiveram ao meu lado orando e torcendo por mim e por minhas conquistas. A meus filhos pela compreensão e paciência enquanto estive dedicada aos meus estudos.

As minhas amigas, Kécia Barbosa, por ter sido minha parceira e companheira de curso. E Regiane Teixeira, pela paciência ao me ajudar, suportando meu estresse e meu sofrimento para concluir meu curso. A todos os professores do curso de Letras, que foram tão importantes na minha vida acadêmica. Em especial, a minha orientadora Rosangela Nogueira, pelo incentivo e por suas palavras sábias.

## RESUMO

O presente trabalho, traz uma pesquisa reflexiva sobre as capas de disco elaboradas na época da ditadura militar e que foram censuradas, as quais serão analisadas por meio da Gramática do Design Visual. As capas selecionadas aqui para serem analisadas são as do disco de Gal Costa “As Índias”, de Tom Zé “Todos os olhos” e de Caetano Veloso “Jóia”. Todas serão analisadas por meio Gramática do Design Visual, bem como, pela ótica das regras impostas pela ditadura militar, que justifica a censura dada as capas acima citadas. A pesquisa utilizada para a elaboração deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, a qual deu todo suporte para que fosse feito um apanhado histórico do período e das leis criadas na ditadura, leis estas que tiravam muitos dos direitos da população brasileira e impunha um modelo “ideal” de sociedade de casamento, de relacionamento, de opção sexual e outros. Mas a pesquisa bibliográfica também orientou quanto ao conceito, e análise das referidas capas por meio da Gramática do Design Visual, assim como a respeito da sexualidade trabalhada no texto.

**Palavras Chaves:** Capa de disco; Ditadura militar; Gramática do Design Visual;

## **ABSTRACT**

The present work brings a reflective research on the disc covers elaborated during the military dictatorship and that were censored, which will be analyzed through the Visual Design Grammar. The covers selected here to be analyzed are Gal Costa's album "As Índias" by Tom Zé "Todos os olhos" and by Caetano Veloso "Jóia". All will be analyzed through Visual Design Grammar, as well as, from the perspective of the rules imposed by the military dictatorship, which justifies the censorship given the above mentioned layers. The research used for the preparation of this work was the bibliographical research, which gave all support to make a historical survey of the period and the laws created in the dictatorship, laws that took many of the rights of the Brazilian population and imposed an ideal model "Of marriage, relationship, sexual choice and other society. But the bibliographical research also guided when to the concept, and analysis of said covers through the Grammar of Visual Design.

**Keywords:** Disk cover; Military dictatorship; Grammar of Visual Design;

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	8
<b>2. A gramática do design visual</b> .....	10
2.1 A gramática do design visual (GDV) .....	11
2.2 As três metafunções da GDV .....	12
2.2.1 A Função Interativa .....	12
2.2.2 O olhar .....	12
2.2.3 O enquadramento .....	13
2.2.4 A perspectiva .....	13
2.2.5 A modalidade .....	13
<b>3. Contextualização histórica: ditadura militar e a censura</b> .....	14
3.1 Ditadura militar e a censura .....	14
<b>4. Censura e Sexualidade</b> .....	20
<b>5. Capas de disco: um não a cesura impostas pela ditadura militar</b> .....	22
5.1. Apresentações e análise das capas .....	22
5.1.2 Gal Costa – índia (1973) .....	22
5.1.3 Tom Zé – todos os olhos (1973) .....	24
5.1.4 Caetano Veloso - Jóia (1975) .....	26
<b>Considerações finais</b> .....	27
<b>Referencial bibliografico</b> .....	30

## 1- INTRODUÇÃO

Quando pensamos em capas de disco o que nos vem à mente é a função que esta exerce que é simplesmente servir de proteção, um invólucro para o disco, e que este é a parte principal, pois contém as músicas e estas por sua vez é que interessam ao consumidor. De fato, as funções são simplesmente estas, porém, ao analisar o período histórico em que este disco, mais precisamente, a capa foi elaborada há de se pensar na função social que esta exerce. Isto por que, ao longo da História, as capas de disco se tornaram não apenas analogias visuais para um trabalho musical, mas, também, analogias funcionais para a mensagem de um disco, isto por que, as capas dos discos de alguns artistas se tornaram artefatos distintos e com importante valor informativo tanto no campo visual quanto textual, o que deu a capa de disco um valor bem maior do que simples embalagem.

Deste modo, as capas do disco eram criadas mediante o poder criativo de seus autores, que permitiam muitas das vezes que capa de um disco fosse até melhor do que o som gravado. Pois, para alguns artistas, o álbum era um produto cultural de valor paralelo ao disco, era pensado pelo artista e pela gravadora para funcionar como elo produtor de sentido, um mediador criativo ou uma mídia visual. Segundo Oliveira (2014) as capas começam a objetivar conceitos mais associados às propostas artísticas, a identificar ideias e valores ligados às músicas e ao posicionamento ideológico (OLIVEIRA 2014, p. 79).

Ao longo da história, as capas de disco se tornaram não apenas identidades visuais para um trabalho musical, mas também, identidades funcionais para a mensagem de um disco. No Brasil, esse desenvolvimento deu-se a partir do final dos anos 1960, quando a Tropicália, a MPB e a Jovem Guarda apresentava aos jovens do país uma nova perspectiva de música, aliada às imagens para formar um discurso. A partir disso, muitos assuntos foram abordados nas capas dos discos brasileiros, a imagem tornou-se um meio de informação tanto quanto a palavra. No período da ditadura militar, para driblar a censura, muitos artistas inconformados usaram suas capas de discos como estratégia de resistência, fazendo o uso de signos, imagens com o intuito de afrontar os militares.

Algumas capas de discos geraram fortes polêmicas por conter em suas capas imagens que vinham mascaradas por inversões e ironias. Capas que usaram a sexualidade de forma ousada e que causaram muita polêmica, e que por consequência tiveram que ser alteradas ou até mesmo censuradas. Essa foi a maneira que os compositores encontraram nos “anos de chumbo” para dar seu recado contornando a censura. Essas ações deixavam em evidência a resistência desses indivíduos à ditadura.

No ano de 1964 iniciava-se no Brasil a Ditadura Militar, período este em que os militares governaram a república brasileira. Iniciou-se a partir de uma grande crise econômica que o país vivia, onde a população enfrentava alto custo de vida e conseqüentemente realizavam greves, manifestações de cunho político e social. A partir desta data, houve muitas mudanças no que concerne a democracia, ou melhor, a falta desta, o que ocasionou à supressão de direitos constitucionais e conseqüentemente a perseguição política, a repressão aos que eram contra o regime militar.

Havia uma rigorosa fiscalização de artigos, reportagens, letras de músicas, peças de teatro e cenas de filme a fim de não permitir que manifestações pudessem vir a acontecer por meio destes veículos de comunicação, era uma forma de suprimir qualquer tipo de opinião contrária ao que era pregada pelos militares, e a proibir manifestações e aglomerações que os ameaçassem quanto à ordem e ao poder que exerciam. A ditadura militar trouxe consigo muitas regras, imposições e limitações para a liberdade do povo brasileiro, e uma dessas barreiras era denominado de censura, ou seja, nada nem ninguém poderiam expor sua opinião acerca do regime instaurado pelos militares.

Muitos artistas foram exilados do Brasil, e muitos deles não podiam usar seus nomes em suas próprias produções e usavam pseudônimos para não sofrer a censura por causa do conteúdo retratado por meio de suas músicas. Com tanta fiscalização, a estratégia usada pelos músicos era passar a escrever músicas que protestassem contra o regime militar. Na maioria das vezes, elas vinham mascaradas por letras que traziam versos sagazes, uso de metáforas, ironias e duplos sentidos na tentativa de despistar o olhar vigilante da ditadura. Mas, a censura relacionada à música não se limitava aos seus autores e a letra, mas também as capas de discos, meio também utilizado pelos artistas para emitir sua mensagem de insatisfação. Imagens e até mesmo fotos dos próprios artistas eram expostas em suas capas de discos, imagens que geraram fortes polêmicas por trazer um bocado de deboche e que não foram colocadas ali por acaso.

O fato é que artistas se utilizaram dessa linguagem visual para comunicar algo a quem comprava seu produto e que essa comunicação não era simplesmente uma jogada mercadológica. Tratava-se de uma mensagem visual pensada para acompanhar a música que ali estava desse modo, o invólucro do disco que se vende não poderia ocupar lugar de menor importância, pois o primeiro contato que o consumidor tem é com a capa do álbum. Muitos assuntos foram abordados nas capas dos discos das mais diversas formas. Essas ações deixavam em evidência a resistência desses artistas contra a ditadura. A intenção era mostrar que não estavam contentes e que não iriam ficar calados, quietos, inertes e passivos frente à

repressão. Diante disto, este trabalho tem como objetivo investigar como algumas capas de discos foram usadas como recurso simbólico de resistência durante a ditadura militar, capas estas que trabalham com a sexualidade como forma de protesto as imposições estabelecidas pelo governo da época.

Além disso, o presente trabalho busca analisar os diferentes signos expressos nas imagens, compreendendo quais são esses signos e o que eles significam, assim, evidenciando os significados representacionais de cada capa e identificando elementos recorrentes a resistência militar. Para isto, faz uso da Gramática do Design Visual a qual será utilizada nas análises sobre imagens contidas em capas de discos que foram usadas como recurso simbólico de resistência durante a ditadura militar. Para tanto, utilizaremos como instrumento de análise os conceitos de Kress e Van Leeuwen (2006). Durante o período de elaboração do referido trabalho, foram escolhidos alguns métodos de análise da Gramática do Design Visual e pesquisas bibliográficas, com referenciais teóricos para a análise das capas dos discos que serão trabalhados. Será através destes procedimentos que o trabalho de conclusão de curso será embasado.

Deste modo, a primeira seção apresenta a Gramática do Designer Visual (doravante GDV), desenvolvida por Kress e Van Leeuwen (2006) a partir da Gramática Sistêmico Funcional (doravante GSF) de Halliday e Metthiessen (2004), e especifica a função interativa dentre as demais categorias, e enfatiza a leitura multimodal. A segunda seção busca trazer um apanhado do contexto histórico em que as capas de disco, propostas à análise neste trabalho, foram criadas a fim de entender o porquê de serem utilizados certos meios visuais que serão apresentados nas capas de disco selecionadas. Na terceira seção, será feita a análise das capas de disco datadas da ditadura militar, período este, que predominava a censura, ou seja, todo e qualquer conteúdo que fugisse às regras impostas pelos militares eram proibidas de circular. Para isso, será utilizada a teoria da Gramática do Design Visual para descrever os elementos que as compõem partindo da ótica da função interativa.

## **2. A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL**

Este capítulo apresenta a Gramática do Designer Visual (GDV), desenvolvida por Kress e Van Leeuwen (2006) a partir da Gramática Sistêmico Funcional (GSF) de Halliday e Metthiessen (2004), e especifica a função interativa dentre as demais categorias, e enfatiza a leitura multimodal.

## 2.1 A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL (GDV)

Atualmente, nosso cotidiano se faz rodeado por informações que não só nos são repassados de maneira escrita, mas, principalmente, por meio das imagens e, para ambos os casos – texto verbal e não verbal - há a possibilidade de interpretá-los fazendo relação entre imagem e o conhecimento prévio do leitor.

Assim caminha a linguagem, sendo utilizada das mais diversas maneiras, obtendo as mais diferentes interpretações e emitindo as mais variadas mensagens. Deste modo, a linguagem se organiza em torno da função, a qual pode ser relacionada à organização do contexto, a produção de significados ideacionais e interpessoais, bem como textuais.

Segundo Halliday (2004), a linguagem deve ser vista dentro de seu contexto social, é um sistema de significados e de elementos semióticos que as pessoas utilizam para se comunicarem. Em *An Introduction to Functional Grammar*, o autor propõe um arcabouço teórico para estudar a linguagem pelo prisma funcional, entendendo a língua como um sistema funcional que proporciona aos falantes interagir por meio da troca de significados. (HOLLIDAY 2004 apud LOVATO 2009, p.116)

Entende-se que, ao observar uma imagem e por meio desta gerar as mais diversas interpretações, é possível afirmar que a linguagem está inserida neste processo de interação em que os significados ideacionais, interpessoais e outros, são realizadas de acordo com os padrões de experiência, a visão de mundo do leitor, assim como aspectos constituintes da imagem como cor, textura, organização da imagem, etc. Neste sentido, encontramos em Kress e van Leeuwen (1996, 2006) a imagem enquanto composições visuais cujos significados produzidos podem ser ideacionais, interpessoais e textuais, deste modo, atuam como forma de representação, negociação de identidades e relações sociais e como mensagem.

Estes mesmos teóricos, ao falar de imagens e de sua capacidade de emitir mensagens, fazem uso das metafunções utilizadas por Halliday para realizar análises de imagens e interpretar as mensagens que muitas carregam por meio de traços, cores, desenhos e tantos aspectos que merecem ser observados. Para realizar suas análises, Kress e Van Leeuwen criam a Teoria da Gramática do Design Visual (GDV), que, como dito anteriormente, tomam como base as metafunções as quais se subdividem em metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual. Destas metafunções, a denominada ideacional que também é conhecida como experimental, é utilizada “quando o indivíduo expressa a sua experiência do mundo material ou de seu mundo interior (o de sua própria consciência) [...]” (FUZER 2014, p. 39). Ou seja, essa metafunção explica a capacidade que temos de expressar a experiência de mundo, ou interior.

No que concerne à metafunção interpessoal, a oração é organizada na forma de interação entre falante e ouvinte, ou seja, se trata de uma troca de informações e ações. Nessa metafunção a comunicação pode se dar de maneira oral, gestual e tantas outras que gerem esta troca ou solicitação de bens e serviços e informações. Já a metafunção textual é definida por Vieira da seguinte forma:

A metafunção textual organiza em mensagens as metafunções ideacional e interpessoal, estruturadas em dois sistemas paralelos e inter-relacionados. São eles: a estrutura da informação, inserida no conteúdo; e a estrutura temática, observada no nível das orações; realizadas no nível léxico-gramatical. Desse modo, essa metafunção age como signo orientador, organizando as ideias do locutor e a leitura (compreensão) do interlocutor. (VIEIRA 2014, p. 313)

Como se pode observar, essa metafunção reúne tanto a metafunção ideacional, quanto a interpessoal, visto que envolve o significado ideacional, quando o conteúdo é relacionado a mensagem, e o significado interpessoal, quando a expressão é reflexo das relações sociais.

## **2.2 AS TRÊS METAFUNÇÕES DA GDV**

As metafunções usadas por Kress e Van Leeuwen ganharam novas nomenclaturas para que pudessem estar adequadas ao novo estilo de texto, mais voltadas para a linguagem visual. Assim, as metafunções apresentadas anteriormente como ideacional, interpessoal e textual passaram a ser funções representacional, interativa e composicional. Destas, será destacada aqui apenas a função interativa.

### **2.2.1 A FUNÇÃO INTERATIVA**

A função interativa representa o relacionamento entre observadores e observado, deste modo, esta função implica em três dimensões: olhar, enquadramento e perspectiva.

#### **2.2.2. O OLHAR**

É por meio do olhar que o leitor irá interagir com a imagem, e a imagem por meio de suas cores, formas, texturas irá interagir também com o leitor, esperando do primeiro uma análise ou julgamento que partirá do seu íntimo, do seu emocional, de sua experiência.

Deste modo, o leitor não passa a ser mero observador, mas analista da imagem, que se permite interpretar o que está sendo exposto; neste caso, uma imagem. Há nesta

função, intimidade entre o Participante Representado (PR) e o leitor, o qual entra numa certa relação imaginária, que pode ser de afinidade, sedução ou até mesmo dominação.

### **2.2.3 O ENQUADRAMENTO**

O enquadramento consiste na distância ou afinidade social do leitor com a imagem. Assim, distância entre PR e leitor indicará um maior ou menor distanciamento social entre eles. Quanto menor o distanciamento do enquadramento, o leitor poderá apontar maior proximidade social com a PR, já se este enquadramento for maior, menor será a proximidade social representado e leitor.

### **2.2.4 A PERSPECTIVA**

A perspectiva diz respeito à atitude expressa por meio do ângulo frontal ou oblíquo, o poder concebido pelo ângulo alto ou baixo e no nível dos olhos, o realismo, determinado pela cor, contexto, detalhes, profundidade e luz, e a orientação de código, classificado como naturalístico, sensorial, tecnológico e abstrato. Ou seja, o ângulo é o que define um maior ou menor envolvimento do leitor com a imagem. Por exemplo, se o ângulo for frontal, proporcionará mais envolvimento do observador, ao contrário do ângulo oblíquo que proporcionará certo afastamento do observador (leitor). Deste modo, quanto mais próximo e mais realista, maior envolvimento do leitor com o PR.

### **2.2.5 A MODALIDADE**

O último aspecto destacado na Gramática do Design Visual, denominado modalidade, é o qual faz uso dos níveis de realidade que a imagem representa, indo sempre do mais próximo do real até o menos próximo do real. Isto por meio dos aspectos como saturação, diferenciação de cor e modulação de cor. Vieira (2015) diz que:

[...] no discurso multimodal, quando há imagens, a modalização realiza-se pela combinação das cores entre si, pelos usos de tons claros e escuros, pela escolha de sombra e luz, ou ainda pelo uso de alto e baixo relevo, pela escolha do modelo de tipografia, de iconografia, ou modo de combinação, ou arranjo. (VIEIRA 2015, p. 46)

Para avaliar esse real ou irreal nas imagens e os aspectos como cor, iluminação, detalhamento etc. critérios são articulados em diferentes graus, tais critérios são chamados graus de articulação.

Os graus de articulação são divididos em: Representação, contextualização, saturação, modulação, diferenciação de cores, profundidade, iluminação e brilho, os quais trabalham, respectivamente, com uma escala do abstrato ao realístico, presença ou não de fundo, saturação de cores até sua ausência total, uso somente de cores primárias até o uso de diversas tonalidades e nuances de uma mesma cor, variação de cores que vão desde o monocromático até o uso de cores diversas, a ausência total de profundidade até o seu uso total, uso do jogo de luz e sombras, máximo número de diferentes graduações de brilho até apenas duas: ou preto e branco, ou cinza escuro e cinza claro, etc.

### **3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: DITADURA MILITAR E A CENSURA**

O presente capítulo procura trazer um apanhado do contexto histórico em que as capas de disco, propostas à análise neste trabalho, foram criadas a fim de entender o porquê de serem utilizados certos meios visuais que serão apresentados nas capas de disco selecionadas.

#### **3.1 DITADURA MILITAR E A CENSURA**

No ano de 1964 iniciava-se no Brasil a Ditadura Militar, período este em que os militares governaram a república brasileira. A partir desta data houve muitas mudanças no que concerne à democracia, ou melhor, a falta desta o que ocasionou a supressão de direitos constitucionais, a perseguição política, a repressão aos que eram contra o regime militar e a prática da censura.

Neste período, foram criados um total de 17 atos que diminuíram as liberdades da população e os direitos dos cidadãos, cancelaram artigos da Constituição, cassaram direitos políticos, censuraram a imprensa dentre tantos outros pontos que mostravam as claras as feições ditatoriais que este período tomou. Dos 17 atos destaca-se aqui o Ato Institucional nº 1, de abril de 1964, que:

Redigido pelo jurista Francisco Campos, o ato estabelecia: eleições indiretas para presidente da República; suspensão temporária da estabilidade dos funcionários públicos; suspensão da imunidade parlamentar e cassação de mandatos eletivos; suspensão dos direitos políticos por dez anos; fortalecimento do poder do presidente da República, que poderia apresentar projetos de lei e emendas constitucionais que deveriam ser votadas em trinta dias, do contrário seriam aprovadas por decurso de prazo; e decretação do estado de sítio sem aprovação parlamentar. (ARQUIVO NACIONAL 2001, p. 11 e 12)

Como é possível observar, tal ato suspende a eleição direta para presidente, assim como deu ao presidente o poder de cassar mandatos e suspender direitos políticos de qualquer

pessoa por 10 anos. Além disso, as forças armadas detinham o poder de mandar e desmandar no país, além de passar também a retirar direitos de funcionários caso os interesses desses não fosse compatível com o do governo vigente punindo-os de acordo com decreto elaborado pelo presidente.

Assim, pode-se afirmar que a principal função do ato institucional nº 01 foi desarrumar o cenário político nacional e dar total autonomia para os militares legitimarem a força de um regime autoritário no território brasileiro, que foi seguido à risca, tanto que afastou da vida política grandes nomes como o próprio João Goulart, Leonel Brizola e tantos outros que apoiavam a democracia. Mas além deste Ato, outro de grande importância e o que abrange o objetivo deste trabalho, é o Ato institucional nº 05, de 13 de dezembro de 1968 o qual deu poder aos governantes de punir de maneira autoritária os que fossem contra o regime ou ao menos, fossem suspeitos de tal contravenção. O conhecido golpe de repressão e censura diz que:

Art. 2º - O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, por Ato Complementar, em estado de sítio ou fora dele, só voltando os mesmos a funcionar quando convocados pelo Presidente da República [...]

Art. 3º - O Presidente da República, no interesse nacional, poderá decretar a intervenção nos Estados e Municípios, sem as limitações previstas na Constituição [...].

Art. 4º - No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais [...]. (BRASIL 1968)

Estes artigos deixam explícito a intenção que os militares tinham de reprimir seus opositores, mas além disso, dizia que:

Art. 5º - A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em:

- I - cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função;
- II - suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais;
- III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;
- IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:
  - a) liberdade vigiada;
  - b) proibição de freqüentar determinados lugares;
  - c) domicílio determinado,

Art. 6º - Ficam suspensas as garantias constitucionais ou legais de: vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade, bem como a de exercício em funções por prazo certo [...]

Art. 7º - O Presidente da República, em qualquer dos casos previstos na Constituição, poderá decretar o estado de sítio e prorrogá-lo, fixando o respectivo prazo [...]

Art. 8º - O Presidente da República poderá, após investigação, decretar o confisco de bens de todos quantos tenham enriquecido, ilicitamente, no exercício de cargo ou

função pública, inclusive de autarquias, empresas públicas e sociedades de economia mista, sem prejuízo das sanções penais cabíveis [...]

Art. 9º - O Presidente da República poderá baixar Atos Complementares para a execução deste Ato Institucional, bem como adotar, se necessário à defesa da Revolução, as medidas previstas nas alíneas d e e do § 2º do art. 152 da Constituição [...]

Art. 10 - Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular [...]  
(BRASIL 1968)

Por meio deste ato, como visto acima, há a suspensão do direito do habeas corpus para determinados crimes como o político, o econômico e o da segurança nacional. Dispõe também, sobre o poder do Presidente da República de intervir nos poderes legislativos de estados e municípios, decretando estado de sítio, além de cassar mandatos de deputados federais, estaduais e vereadores. Ainda tinha o poder de retirar dos cidadãos os direitos políticos, de demitir, remover, aposentar, sendo estes civis ou militares, se não fizessem cumprir o que lhes era imposto por meio dos atos, tão rapidamente punidos com essas sanções.

Mas o que se quer destacar deste Ato é a censura imposta para jornais, revistas, livros, peças de teatro e músicas, proibindo qualquer tipo de manifestação política, fosse ela popular ou particular. A partir de então, muitos professores foram retirados das universidades e punidos, tais como muitos artistas como cantores que tentavam se impor ao regime imposto. Com a instauração da censura, que de acordo com Garbin (2013) “A censura é uma das armas mais utilizadas para impedir o conhecimento. Seu intuito é o de regular, controlar, e até mesmo destruir qualquer informação tida como non grata por aqueles que estão no poder” (GARBIN 2013, p. 20).

Assim, no período da ditadura milita havia uma rigorosa fiscalização de artigos, reportagens, letras de músicas, peças de teatro e cenas de filmes a fim de não permitir que manifestações pudessem vir a acontecer por meio destes veículos de comunicação, e como dito na citação acima, era uma forma de suprimir qualquer tipo de opinião contrária ao que era pregada pelos militares, e a proibir manifestações e aglomerações que os ameaçassem quanto a ordem e ao poder que exerciam. Todas as ações contidas no Ato nº 05 eram justificadas a partir da alegação de que a constituição deveria ser eficiente no que concerne manter a segurança interna e o desenvolvimento econômico e cultural do país e que, para isso, era necessário criar complementos para que a constituição pudesse ser mais eficaz.

E a sombra desta justificativa, o Ato nº 05 foi seguido por mais 12 Atos e muitos complementos associados a estes com o intuito real de impor regras e de demonstrar o poder que os militares passaram a exercer frente ao país a ponto de modificar as próprias leis, bem

como, não permitir que a população pudesse opinar sobre seu próprio destino. A ditadura militar trouxe consigo muitas regras, imposições e limitações para a liberdade do povo brasileiro, e uma dessas era denominado de censura, ou seja, nada nem ninguém poderia expor sua opinião acerca da do regime instaurado pelos militares e muito menos se posicionar em oposição.

A censura, presente no Ato nº 05, levou muitos artistas, pessoas políticas e civis a serem condenados a punição escolhida pelos militares, pois, ao expor sua opinião sobre o regime implantado significava, de acordo com os militares, uma ameaça a nação. Sobre este Ato e a censura Fico (2002) diz que:

[...]a partir de dezembro de 1968, com a edição do AI-5, houve uma intensificação da censura da imprensa, pois o decretum terribile permitia praticamente tudo. Desde então, a censura da imprensa sistematizou-se, tornou-se rotineira e passou a obedecer a instruções especificamente emanadas dos altos escalões do poder. (FICO 2002, p.253)

Porém, não foi apenas o Ato institucional nº 05 que inibia as manifestações populares, haja vista que, em outros atos, é possível notar as consequências de se posicionar contra o governo instaurado, como, por exemplo, no Ato institucional de nº 13, que diz o seguinte:

Art. 1º - O Poder Executivo poderá, mediante proposta dos Ministros de Estado da Justiça, da Marinha de Guerra, do Exército ou da Aeronáutica Militar, banir do território nacional o brasileiro que, comprovadamente, se tornar inconveniente, nocivo ou perigoso à segurança nacional.

Parágrafo único - Enquanto perdurar o banimento, ficam suspensos o processo ou a execução da pena a que, porventura, esteja respondendo ou condenado o banido, assim como a prescrição da ação ou da condenação.

Art. 2º - Excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato Institucional e Atos Complementares dele decorrentes, bem como os respectivos efeitos. (BRASIL 1969)

Esta é mais uma das formas de inibir, por meio de ameaçar, todos os que pretendiam de alguma forma expor as atrocidades que os militares estavam fazendo com a sociedade. E ainda teria mais, afinal após este ato outro também foi criado com a mesma configuração, este foi o Ato de nº 17 que diz:

Art. 1º - O Presidente da República poderá transferir para a reserva, por período determinado, os militares que hajam atentado, ou venham a atentar, comprovadamente, contra a coesão das forças armadas, divorciando-se, por motivos de caráter conjuntural ou objetivos políticos de ordem pessoal ou de grupo, dos princípios basilares e das finalidades precípua de sua destinação constitucional.

Parágrafo único - A sanção prevista neste artigo aplicar-se-á quando, em face dos antecedentes, do valor próprio e dos serviços prestados à Marinha, ao Exército, à

Aeronáutica e à Revolução, for de. presumir-se que o militar assim punido possa vir a reintegrar-se no espírito e nos deveres próprios da instituição militar.

Art. 2º - O afastamento temporário do serviço ativo não implicará, salvo declaração em contrário, qualquer restrição quanto às atividades civis nem à percepção de vencimentos e vantagens a que fizer jus, de acordo com o posto e o tempo de serviço.

Art. 3º - Findo o prazo previsto no art. 1º, o Ministro de Estado, ouvido o Alto Comando ou órgão correspondente do respectivo Ministério militar, promoverá ou a reversão do militar ao serviço ativo, ou a sua transferência definitiva para a reserva. (BRASIL 1969)

Por meio dos atos supracitados, é possível perceber que as medidas coercitivas poderiam ser aplicadas a qualquer cidadão brasileiro, sendo este civil ou militar, que levava, pelos mais diferentes meios, ideias contrárias ao regime. Desta maneira, A censura, deteve o importante papel de implantar e consolidar a ditadura.

Então, eram censurados toda e qualquer palavra, ato, notificação, letra de música, carta, bilhete e outros que abordem o tema repressão dos militares para a sociedade. Para muitos artistas como Chico Buarque, bastava ser Chico Buarque para que suas músicas fossem censuradas e proibidas de circular, mas a regra geral era não falem mal do governo, divulguem que os militares não oprimem, não proíbem e que o Brasil, a partir do momento que passou a ser governado por este regime, passou de mal ao melhor e mais organizado país.

Porém, não era isso que acontecia e, por este motivo, muitos jornalistas, cantores, escritores, políticos e outros tentavam, de várias maneiras, burlar as regras e deixar transparecer a real conjuntura instaurada no Brasil, a qual não permitia que nada que fosse contrário ao governo fosse divulgado e, principalmente, que muitas das regras impostas pelos militares não eram para melhoria do país e sim para fortalecer o poder que estes detinham. Samways (2003) aborda esta temática e diz:

[...] Para manter sua boa imagem e impedir que “influências negativas” chegassem à população era necessário aumentar o controle à imprensa, evitando que ela desse espaço para o discurso inimigo. Esse controle foi de grande utilidade, pois impedia que grande parte da população soubesse dos atos repressivos, autoritários e violentos por parte do governo. Estava proibido críticas ao governo em todas as suas esferas; impedia que o teatro apresentasse peças subversivas e “perigosas”. Porém, esse processo de cerceamento da cultura e da informação demorou quatro anos para se consolidar efetivamente dentro do governo de exceção. De ato em ato montou-se um aparato controlador de grande eficiência, que iria espalhar censores por toda a parte, cortando e alterando tudo aquilo que não atendesse aos ideais militares e conservadores. (SAMWAYS 2003, p. 04).

Este mesmo autor, em seu texto “Censura à imprensa e a busca de legitimidade no regime militar” traz um panfleto distribuído no estado do Rio de Janeiro com normas a serem seguidas que diz:

Manual distribuído no Rio de Janeiro

1. Objetivos da censura:

- a) obter da imprensa falada, escrita e televisiva o total respeito à Revolução de Março de 1964, que é irreversível e visa a consolidação da democracia;
- b) Evitar a divulgação de notícias tendenciosas, vagas ou falsas, que possam vir a trazer a intranquilidade ao povo em geral.

2. Normas:

a) Não deverão ser divulgadas notícias que possam:

- propiciar o incitamento à luta de classes;
- desmoralizar o governo e as instituições;
- veicular críticas aos atos institucionais;
- veicular críticas aos atos complementares;
- comprometer no exterior a imagem ordeira e econômica do Brasil;
- veicular declarações, opiniões ou citações de cassados ou porta-vozes;
- tumultuar os setores comerciais, financeiros e de produção;
- estabelecer a desarmonia entre as forças armadas e entre os poderes da República ou a opinião pública;
- veicular notícias estudantis de natureza política;
- veicular atividades subversivas, greves ou movimentos operários.

4. Prescrições diversas:

- a) a infração das normas do n.º 3 implica a aplicação das sanções previstas em lei;
- b) os espaços censurados deverão ser preenchidos de forma a não modificar a estrutura da publicação ou programa;
- c) as presentes instruções entram em vigor no ato do recebimento, revogando-se as disposições em contrário.

Ass: General de Brigada César Montagna de Souza (SAMWAY 2003, p. 05)

Este manual se estendia não só a imprensa, mas, como já foi dito, a qualquer cidadão. Assim, estas regras chegaram também ao ramo musical, afinal a música sempre foi muito presente na vida dos brasileiros por meio das rádios, das novelas, da TV, das peças de teatro e outros. Desta maneira, esta foi enxergada com uma ameaça ao regime militar.

Muitos artistas, como Gilberto Gil e Caetano Veloso, foram exilados do Brasil e muitos deles, como Chico Buarque, não podiam usar seus nomes em suas próprias produções e usavam pseudônimos para não sofrer a censura por causa do conteúdo retratado por meio de suas músicas. Até porque, segundo Souza (2010, p.25), “[...] alguns artistas, especialmente os que tiveram as letras de suas canções bastante visadas pela censura, eram monitorados constantemente pelos Dops [...]”. O Departamento de Ordem Política e Social (doravante DOPS) foi criado em 30 de dezembro de 1924 com o objetivo de censurar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder. Muitos documentos eram expedidos para este departamento, e as músicas consistir em um dos documentos mais encaminhados. Além deste departamento, havia outro, denominado Divisão de Censura de Diversões Públicas (doravante DCDP), um órgão responsável em definir o que os brasileiros poderiam escutar, assistir e expressar.

Esta divisão de Censura além de cesurar programas de rádio, cinema e a televisão passam, com o tempo, a controlar e proibir filmes políticos, músicas, peças teatrais

contestadoras da ditadura militar tudo com o “objetivo” de cuidar da moral e dos bons costumes da sociedade brasileira. Então, como exposto foram várias as estratégias criadas para tentar burlar as imposições propostas pelos militares e estas estratégias iam desde cartas, cartazes, folhetos de músicas, pinturas e o alvo deste estudo, as capas de disco que serão apresentadas mais a frente.

#### **4. CENSURA E SEXUALIDADE**

Como já foi dito acima, em tempos de ditadura militar, a sociedade brasileira vivia um regime autoritário e conservador. O Brasil estava sendo guiado por rédeas curtas, e não havia abertura para expressar-se livremente. Na busca pela preservação da moral e dos bons costumes, nossa sociedade se via calada pelo Estado em relação a certas práticas.

Havia uma rigorosa fiscalização de artigos, reportagens, letras de músicas, peças de teatro a fim de não permitir que manifestações pudessem vir a acontecer por meio destes veículos de comunicação. Qualquer conteúdo que fosse identificado pela DCDP como duplo sentido ou que tivesse apelo sexual era barrado, pois de acordo com o órgão a "obscenidade" e a "pornografia" eram contrárias aos "interesses nacionais".

Nesse contexto, para driblar a censura, muitos artistas inconformados usaram suas capas de discos como estratégia de resistência, fazendo o uso de signos, imagens com o intuito de afrontar os militares. Capas que usaram a sexualidade como forma de protesto as imposições do governo ditador, haja vista que na época a sexualidade é identificada como algo privado, um fato íntimo que não seria de interessante ser conhecido por toda sociedade, por este motivo proibido.

O conceito de sexualidade, de acordo com Piozevan (2015), surge o século XIX na tentativa de “compreender as características e desvendar os mistérios do desejo erótico em homens e mulheres.” Diz ainda que:

A sexualidade que surge destes discursos normalizadores cria determinadas subjetividades, bem como formas de assujeitamento, ao delimitar o que é devido, correto, certo – e que, portanto deve ser seguido – do que deve ser evitado por ser anormal ou monstruoso. Este dispositivo da sexualidade não apenas analisa, portanto, uma suposta sexualidade neutra preexistente na sociedade, mas além de controlá-la, também a produz. Tanto de forma positiva, quanto negativa – através de proibições, silêncios e censuras. (PIOZEVAN 2015, p. 2008).

Ou seja, o termo sexualidade juntamente com normas traz à sociedade o moralismo, a concepção de certo e errado e conseqüentemente proibições, um modelo ideal de sexualidade,

censuras. Esta última, usada pelo moralismo do regime militar, que pregava o conservadorismo para a sociedade do período, buscando excluir qualquer outro tipo de orientação sexual que não fosse o qual idealizavam como ideal.

Assim, com a concepção de que a sexualidade era privada e que havia um modelo ideal é que se instaura a censura por meio de leis que garantiam aos militares o direito de punir, de várias maneiras, os que não se encaixassem no modelo conservador e moralista imposto.

Deste modo, é possível perceber que estas concepções de moral resvalavam em análises feitas pela Censura sobre a divulgação midiática de revistas, livros, letras de músicas, e até as capas de disco, objeto desta pesquisa, e que como visto era um meio de desautorizar, infringir, ir de encontro às regras conservadoras.

Neste sentido, as capas de disco aqui expostas são veículos da sexualidade, a qual é usada como recurso simbólico de resistência.

Colocar em suas capas de discos, imagens que usavam a sexualidade como forma de protesto, foi o modo, que artistas encontraram de dizer, que não concordava com os princípios morais impostos pelos militares /pois tais imagens configura erotismo, pornografia e para os militares a pornografia “é prostituição impressa, o ensino de práticas imorais”. (PIOZEVAN 2015, p.2411).

Assim, as capas utilizadas para análise deste trabalho expõem questões como o casamento, o qual para os militares o casamento deveria ser heterossexual e a intimidade do casal no que diz respeito às relações sexuais deveriam ser mantidas em secreto, pois se trata de algo que era pornográfico e a sociedade não merecia ser ludibriada por atos libidinosos. Além disso, o “contexto ideal era aquele da conjugalidade heterossexual, com fins prioritariamente procriativos” (PIOZEVAN 2015, p.2411).

No que concerne ao relacionamento homoafetivo, totalmente desprezível naquela época, e ainda nos dias atuais, por se tratar de um relacionamento fora dos “padrões”, as pessoas que se assumiam homossexuais eram brutalmente perseguidos. Pois, “homossexualidade não era apenas considerada um desvio de conduta, mas uma doença” (PIOZEVAN 2015, p.2412).

Como visto acima, os homossexuais iam de encontro à masculinidade imposta aos homem brasileiro e às normas tradicionais de gêneros inseridas na cultura e defendidas pela ditadura, ou seja, era como se a homossexualidade fosse um meio que os “pervertidos” encontravam para atacar os valores morais e da família tradicional, de acordo com o governo da época.

A sensualidade, o erotismo também não era visto com bons olhos pelos militares, os quais viam a pornografia enquanto “prostituição impressa, o ensino de práticas imorais”. (PIOZEVAN 2015, p.2411) e iam totalmente de encontro ao que foi imposto pelos Atos institucionais.

Deste modo, pode-se dizer que qualquer coisa poderia ser considerada subversiva. Quem não cumpria as normas era torturado, exilado ou morto e os grupos de militância política encontravam dificuldades em lutar por suas reivindicações e direitos, tal qual os artistas que buscavam por meio da música, das pinturas, das imagens romper com as regras impostas.

E no que concerne a sexualidade não era diferente, afinal, até os dias de hoje ainda há barreiras e limitações quanto ao trato de assuntos relacionados. E no período da ditadura discutir sobre gêneros, homossexualismo e outros assuntos eram ir contra a ideologia posta a ser cumprida pela população.

Porém muitos populares, encontravam-se insatisfeitos com o modo que este assunto era tratado e passou a usá-lo como forma de defesa de opinião, como protesto, como uma declaração contra o que os militares impunham. Por este motivo o assunto ao invés de ser reprimido, passou a ser cada vez mais divulgado das mais variadas formas.

## **5. CAPAS DE DISCO: UM NÃO A CESURA IMPOSTAS PELA DITADURA MILITAR.**

Neste capítulo, será feita a análise das capas de disco datadas da ditadura militar, período este que predominada a censura, ou seja, todo e qualquer conteúdo que fugisse às regras impostas pelos militares eram proibidas de circularem. Para isso, será utilizada a teoria da Gramática do Design Visual a qual é composta por funções que orientam uma visão interpretativa necessária para análise das capas, descrevendo os elementos que as compõem levando em conta a função interativa, a qual surge da relação entre o produtor e o observador das imagens e esta se classificada em: olhar, enquadramento e perspectiva. Evidenciado também o uso da sexualidade expressas nas imagens. Termo esse que ia contra a moral e os bons costumes impostos na época.

### **5.1 APRESENTAÇÕES E ANÁLISE DAS CAPAS**

#### **5.1.2 GAL COSTA – Índia (1973)**

O disco “Índia” de Gal Costa, foi lançado em 1973, na época foi censurado por exibir demais a nudez feminina. Foi um álbum polêmico, pois trazia em sua capa uma imagem com um ângulo sugestivo, que subia da coxa e ia até o umbigo da PR. No centro, uma tanga vermelha desenhava o ângulo da pélvis da PR. Nas mãos, uma peça de palha que, junto com os colares de contas, justificava o título do álbum. É claro que toda essa sensualidade foi barrada na época da ditadura.

### Capa I



Fonte: GAL COSTA– Índia. Disponível em: < [glamurama.uol.com.br/foto-album-india-de-gal-costa](http://glamurama.uol.com.br/foto-album-india-de-gal-costa) > acesso em 08 de janeiro de 2017.

Na capa I, a PR foi fotografada de um ângulo mais perto, para prender a atenção de quem a observa. Esse direcionamento do olhar cria uma relação imaginária de encantamento para o observador. Deste modo, pode-se dizer que a PR, permite, em um primeiro momento, pensar apenas na sexualidade e no contexto pejorativo da imagem. Afinal, è uma imagem com um ângulo bem sugestivo onde no centro destaca uma tanga vermelha que desenha sem problemas a pélvis da PR, as mãos segurando a tanga convidam mais do que obrigam o observador a olhar, a prestar atenção, pois sugere estar prestes a tirar a calcinha que marca claramente seus grandes lábios, sugerindo que o contexto sexualidade seja priorizado.

O enquadramento utilizado nesta imagem sugere mostrar a nudez, a sensualidade, ou simplesmente destacar a parte íntima feminina que foi coberta pela sociedade, no caso das índias. O ângulo frontal utilizado evidencia a intimidade, indica aproximação, afinidade com

o leitor, propiciando maior envolvimento do leitor para com a imagem exposta. Deste modo, quanto mais próximo e mais realista há maior envolvimento do leitor com a PR. Assim, para evidenciar mais a imagem, usa-se as estratégias de cores, que está inclusa na multimodalidade, onde se usou a cor vermelha a cor que representa paixão, fogo, sensualidade, sexo, sedução e tantas outras características que remetem muito mais ao lado sensual da imagem do que o nome da capa do disco sugere.

Sendo assim, cabe aqui tentar entender um pouco o porquê de uma imagem dessa utilizada para uma capa de disco. E o que justifica o uso da imagem no disco é o período em que esta capa foi criada, a ditadura militar, que como já foi mencionado neste trabalho, pregava “moral” e os “bons costumes” para a sociedade, e como forma de protesto foi pensada esta, dentre tantas, capa de disco que veio afrontar os ensinamentos militares e protestar pelas proibições impostas na época. O problema era a exposição pública das capas nas lojas de disco.

Quanto à sexualidade, há na imagem o destaque da pornografia, presente e censurada na capa de disco de Gal Costa, afinal, como se pode observar, na imagem é focada a pélvis da PR que mostra detalhadamente a parte íntima feminina.

A polêmica desta capa se dá como dito acima, pelo que a imagem procura detalhar quando o ângulo é focado a parte íntima da PR o que se configura erotismo, pornografia que para os militares, como já foi citado acima, era considerado a prostituição impressa, um ensinamento de práticas imorais.

#### **4.1.3 TOM ZÉ – Todos Os Olhos (1973)**

O álbum “*Todos os olhos*” é o quarto trabalho da discografia de Tom Zé, onde traz em sua capa uma história que por muito tempo enganou fãs, censura e até o próprio cantor. Se o problema do disco da Gal era o que se via, o disco de Tom Zé era o que se pensa que vê. Lançado em 1973, o disco até hoje desperta polêmica. A ideia inicial da capa era afrontar o governo militar e driblar a censura da época camuflando o que seria um olho para os censores, mas na verdade seria uma fotografia do ânus de uma modelo engajado em uma bola de gude. Mas a história real traz um porém: não é um anus de verdade, o artista que produziu a capa, não conseguiu concretizar sua ideia devido à dificuldade encontrada no momento de fazer a produção fotográfica. Assim, a solução encontrada foi a de fotografar a bola na boca da moça. (VARGAS 2013, p.18). A ousadia da capa, uma das mais premiadas da música

brasileira, acabou passando despercebida pelos censores. Essa é a capa mais sexualmente ousada da história da discografia.

## Capa II



Fonte: Tom Zé – todos os olhos. Disponível em: < [jornalgnn.com.br/ tom-ze-de-todos-os-olhos](http://jornalgnn.com.br/tom-ze-de-todos-os-olhos)> acesso em 08 de janeiro de 2017.

Na capa II, há uma ilusão de ótica, inicialmente vê-se um olho com uma íris bem dilatada, em um outro instante, vê-se um ânus com uma esfera e, por fim, pode-se ver ainda uma boca com uma esfera. O enquadramento da foto não permite identificar, logo de imediato, o que é de fato a imagem, pois, se o enquadramento fosse menor, talvez pudesse haver algo a mais na imagem que fizesse identificar a imagem de imediato.

O ângulo frontal utilizado também contribui para a não leitura rápida da imagem, e faz com que seja necessário observá-la várias vezes e de maneira compenetrada para que se identifique o que a mesma sugere ao leitor e, apesar de estar bem próximo e realista, outros fatores não permitem a identificação efetiva da imagem. Quanto à cor, nesta imagem, sugere um efeito de luz e sombra ajudando assim na ilusão. A saturação da imagem faz com que a mesma não seja tão realista e clara a ponto de identificar do que se trata, mas obviamente foi estratégia dos editores, os quais, para dar ideia de um olho, ainda dão pontos de brilho a esfera que faz o leitor imaginar um olho, como proposto no título do disco.

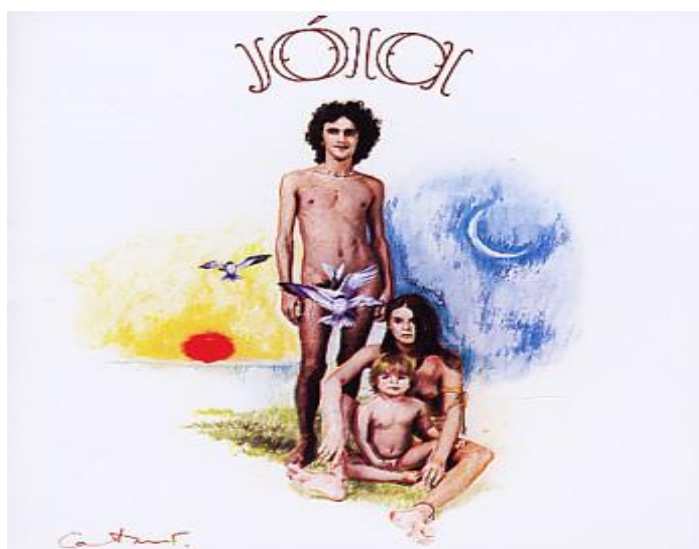
Deste modo, pode-se dizer que foi utilizada a Modalidade Sensorial que, como o próprio nome já diz, causa o efeito de prazer ou desprazer no leitor por meio da imagem, a qual é usada de maneira intensa no que concerne à cor, luz e profundidade. E para esta imagem a sensação causada é de dúvida, curiosidade.

Quanto à sexualidade, há na imagem a ideia da homossexualidade vista implicitamente na capa do disco, onde a princípio simula-se um olho quando na verdade a intenção é fazer menção ao ânus, órgão este que é uma zona erógena que, em algumas pessoas homens ou mulheres, pode causar muito prazer, porém, naquele período ligava-se o sexo anal, a homossexualidade, devido ser um dos meios pelo qual os homoafetivos homens praticam relações sexuais. E o homossexualismo na época não era somente considerado como um desvio de conduta mais também como uma doença. O objetivo claro desta capa era afrontar o moralismo imposto pelo Regime Militar.

#### 4.1.4 CAETANO VELOSO - JÓIA (1975)

Caetano Veloso foi uns dos cantores que mais sofreu com a censura na produção artística e musical durante a ditadura militar. No ano de 1975, lançou o álbum “Joia”, na capa do disco, vinha a imagem dele, de sua então mulher Dedé e o filho Moreno, completamente nus, apenas com o desenho de pombas cobrindo a genitália. Censurado, o álbum foi relançado com uma nova capa, na qual apareciam somente as pombas. (VARGAS 2013, p.17)

#### Capa III



Fonte: Caetano Veloso-Joia  
 <[blogdamusicabrasileira.blogspot.com.br/joia-caetano-veloso](http://blogdamusicabrasileira.blogspot.com.br/joia-caetano-veloso)> acesso em 08 de janeiro de 2017.

Na capa III, há a imagem uma família nua, onde a parte íntima dos personagens é coberta estrategicamente um com o corpo do outro e com aves presentes na imagem. A nudez representada na imagem sugere o dia a noite haja vista que ao fundo há o desenho de uma lua e um sol, e o nome joia talvez se refira a família a qual ele tratasse ou visse tão preciosa

quanto uma joia. Mas não uma joia qualquer uma joia bruta e primaria e talvez seja este o motivo da nudez de todos na capa.

O enquadramento da imagem permite certo distanciamento social devido ser um enquadramento maior, mais abrangente, mais aberto, possibilitando o contato do leitor com o entorno da PR, porém esse distanciamento é compensado pelo ângulo frontal em que a imagem é colocada ao leitor. Além dos aspectos supracitados, é importante notar a presença, de uma família, ou seja, a nudez atrelada à imagem da família faz crítica ao modelo imposto pela ditadura no sentido de que a família perfeita é composta por um pai (homem), uma mãe (mulher) e uma criança.

A sexualidade na capa do disco de Caetano se dá por meio da nudez da família, algo considerado pornográfico aos olhos da censura. O problema na imagem era a exposição pública do corpo nu, algo que afrontava o moralismo imposto pelo Regime Militar.

Todas as capas expostas e analisadas a partir da Gramática do Design Visual, quando analisadas conforme os princípios do regime militar, caem na regra em que era proibido “desmoralizar o governo e as instituições”. Isto por que todas as capas, como são possíveis perceber apresentarem cenas sensuais, encontram-se violando uma das normas militaristas, o que justifica porque as capas foram censuradas. Por falar em sensualidade, é possível nota-las nas capas propostas analise neste trabalho, o que leva a reflexão acerca do tema em um período tão cheio de limitações, regras, imposições, bem como, pessoas insatisfeitas com as normas impostas pelo governado ditador. Sendo assim, todas as capas aqui expostas possuem um tema que era muito polemizado, criticado e principalmente rejeitado pelas leis e regras impostas pelos militares, o que justifica o embargo de todas pela censura. Contudo, estas capas não passavam de meios de protesto e de um recurso simbólico a resistência.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como visto no decorrer do trabalho, alguns artistas usaram da criatividade para camuflar a verdadeira mensagem a ser emitida por meio das capas de disco no período da ditadura militar, para isso utilizavam de símbolos em suas capas de discos para que não fossem vítimas da censura e pudessem espalhar sua mensagem pelo Brasil afora.

Algumas capas de discos geraram fortes polêmicas, assim como, outras tiveram que ser alteradas para que pudessem ser publicadas, divulgadas e chegassem a mãos dos consumidores. Porém, outras foram totalmente proibidas pela censura instaurada. Mas antes de serem modificadas ou até mesmo censuradas, as capas passavam por todo um processo de construção para que o resultado final atraísse a atenção do ouvinte/consumidor interessado no

tipo de música em questão, para isso traduzia em seu design cores, formas, ângulos e composição que carregavam alguma informação visual importante que indicasse o artista, o título do álbum e as músicas ali gravadas.

Estas informações visuais foram analisadas, nas capas de disco propostas neste trabalho, por meio da Gramática do Design Visual teoria esta que trata a imagem enquanto composições visuais cujos significados produzidos podem ser ideacionais, interpessoais e textuais, deste modo, atuam como forma de representação, negociação de identidades e relações sociais e como mensagem. Deste modo, as imagens utilizadas neste trabalho carregam consigo um significado muito importante devido ao fator histórico em que foram elaboradas, por este motivo as cores, os ângulos e demais recursos utilizados falam em protestos, em não aceitação das regras e normas trazidas pelos ditadores militares.

Dentre estas regras, destaca-se o Ato institucional nº 5 que implanta a censura no país. A censura, por sua vez, eram normas as quais proibiam ser divulgados notícias que pudessem propiciar o incitamento à luta de classes, desmoralizar o governo, dentre outros.

Porém, vale ressaltar deste Ato constitucional, ou melhor da censura, a proibição por notícias que pudessem desmoralizar o governo e as instituições, ou seja, nada que fosse de encontro ao que os militares impuseram era permitido. E a instituições, como a família, por exemplo, deveriam seguir o modelo pensado como ideal pelos conservadoristas militares.

Por este motivo, é possível perceber na capa do disco de Gal costa a alusão a pornografia, por mostrar detalhadamente a pélvis da cantora. Esta capa gerou muita polêmica e para ser publicada teve que ser envolta em outra capa feita para esconder a imagem exposta. Isto por que, a pornografia, ou a nudez, para a censura, para os ditadores militares era prostituição impressa. Na capa do disco de Caetano a crítica se dá por causa do modelo de família idealista, conservadorista que deveria existir somente por um homem e uma mulher, tudo que fugisse a este padrão não se encaixava no conceito perfeito de família, por este motivo o cantor ousa em sua capa trazendo não só uma família perfeita, mas todos nus.

Já o disco de Tom Zé, trazendo a imagem de um ânus, que na verdade não é um ânus e sim uma boca, ousa ainda mais e retrata a homossexualidade tema este muito criticado pelos militares por acreditarem que a relação entre pessoas do mesmo sexo não passava de um desvio de conduta, ou até mesmo uma doença. Mas, o que se quer destacar aqui é que por meio das tentativas ousadas de vários artistas é que se pode hoje estudar, analisar e admirar as obras artísticas feitas nas capas de disco da época da ditadura. E muitas destas capas tinham mais uma função social do que simplesmente uma embalagem para discos. Frente a isso, a teoria da Gramática do Design Visual desempenhou um papel muito importante neste estudo

por fazer compreender, por meio de suas metafunções, o porquê de ter sido utilizado um enquadramento específico para cada imagem, um ângulo diferenciado nas imagens. Pois como visto acima, cada imagem mostrada nas capas de disco estudadas queria repassar uma mensagem diferente da outra, uma crítica específica. E neste sentido, a Gramática do Design Visual fez compreender que para analisar uma imagem não basta simplesmente olhá-la, mas que se faz necessário um envolvimento do leitor para com PR para que haja uma interpretação mais detalhada e profunda da imagem.

Isto implica dizer, que as interpretações das imagens serão as mais variadas devido serem feitas por leitores diferentes e o que definirá esta leitura é a distância ou afinidade social do leitor com a imagem, ou seja, a questão social implica neste processo de interpretação. Este ponto mostra que os discos, especificamente as capas elaboradas na ditadura militar, carregam consigo uma gama de informações e reflexões sobre o poder interpretativo da imagem, e principalmente detalhes sobre uma época de grande importância para a história brasileira, por este motivo, proponho que outros estudos mais aprofundados venham a ser feitos a fim de desvendar as incógnitas contidas nas imagens das capas de disco deste período.

Por fim, pode-se dizer que os artistas como Gil, Gal, Tom Zé e outros, apontaram novas reflexões, novos debates sobre a cultura e o imaginário brasileiro, ao repensar a realidade de forma contundente, crítica, ousada e irreverente. Além disso, fizeram uso da criatividade para estabelecer novos padrões que influenciam culturalmente boa parte das gerações brasileiras até os dias hoje.

**REFERENCIAL TEÓRICO:**

ARQUIVO NACIONAL 2001. Disponível em: [www.biblioteca.presidencia.gov.br](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br). Acessado em: 12 de novembro de 2016.

BRASIL, **Ato institucional nº 05 1968**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acessado em: 14 de novembro de 2016.

BRASIL, **Ato Institucional nº 13, de 5 de Setembro de 1969**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br>. Acessado em: 14 de novembro de 2016.

FUZER, Cristiane. **Introdução a gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. I ed. Campinas-SP: Mercado de letras, 2014.

FICO, Carlos. **“Prezada Censura”: Cartas ao regime militar**. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.

GARBIN, Raissa Oliveira. **Os livros e a Censura durante o Regime Militar: uma análise a partir de três obras de destaque a respeito do tema**. Disponível em: [www.unb.br](http://www.unb.br). Acessado em: 20 de novembro de 2016.

Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar (3ª ed.)**. London: Edward Arnold (2004).

KRESS, G. VAN LEEUWEN. **Reading images: the grammar of visual design**. London; New York: Routledge, 2006 [1996].

OLIVEIRA, Cauhana Tafarelo de. **O DESIGN GRÁFICO TROPICALISTA E SUA REPERCUSSÃO NAS CAPAS DE DISCO DA DÉCADA DE 1970**. 2014. Disponível em: [www.repositorio.utfpr.edu.br](http://www.repositorio.utfpr.edu.br). Acessado em 12 fevereiro de 2017.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PIFANO, Raquel Quint. **Historia da Arte como Historia das imagens: a iconologia de Erwin Panofsky**. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br>. 2010. Acessado em: 18 de dezembro de 2016.

PIOZEVAN, Adriane. **Corpos Censurados: moralismo no período da ditadura civil-militar e a literatura de Cassandra Rios**. Disponível em: [www.cih.uem.br](http://www.cih.uem.br).

SAMWAY, Daniel Trevisan. **Censura à imprensa e a busca de legitimidade no regime militar**. Disponível em: <http://eeh2008.anpuh-rs.org.br>. Acessado em: 20 de novembro de 2016.

SOUZA, Amilton Justo. **“É o meu parecer”: a censura política à musica de protesto nos anos de chumbo do regime militar do brasil (1969-1974)**. Disponível em: [www.ede.biblioteca.ufpb.br](http://www.ede.biblioteca.ufpb.br). Acessado em: 21 de novembro de 2016.

TEORIA DA COR. Disponível em: <http://www.criarweb.com/artigos/teoria-da-cor-estudo-algumas-cores.html>. Acessado em: 16 de novembro de 2016.

VARGAS, Heron. **Capas de disco da gravadora Continental nos anos de 1970: musica popular e experimentalismo visual**. Disponível em: [www.revistaseletronicas.pucrs.br](http://www.revistaseletronicas.pucrs.br). Acessado em 05 de março de 2017.

VIEIRA, Shirley. **A metafunção textual nos quadrinhos de Chico Bento**. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br>. 2014. Acessado em 27 de outubro de 2016.

VIEIRA, Josenia. **Introdução a multimodalidade contribuições da gramática sistêmico-funcional Análise de discurso crítica semiótica social**. Disponível em: <http://www.cepadic.com>. Acessado em: 16 de novembro de 2016.